

29 OUT 1989

Sarney

Wilson Figueiredo \*

**D**izer que, com os amigos que fez, o presidente dispensa inimigos é verdade até certo ponto mas não remove a dificuldade — dele e nossa. Sarney não sentiu até hoje a falta de grandes adversários políticos porque contou com amigos devotados ao interesse público como se fosse particular.

O fato é que os inimigos não fizeram a menor falta. Ex-amigos suprem o mercado de suspeitas que dariam para um mandato de seis anos. O temor de que não passasse de quatro elevou a produtividade e desrespeitou a moralidade.

Amigo dos amigos é o título que o presidente mais preza na sua biografia política. Até (ou principalmente) os inimigos reconhecem como atenuante esse traço presidencial. A recíproca veio a ser verdadeira no penúltimo ato do mandato, como convém a recíprocas que se prezam: foi a vez de os amigos providenciarem para Sarney encerrar o mandato como estadista — sem relação direta com os fatos. Indiretamente (como convém a quem se fez presidente com voto indireto), patrocinou a volta de Sílvio Santos à sucessão.

Tão amigo — o tempo todo — era inevitável que o presidente recebesse a retribuição quando o fim está à vista dos amigos e ele não tem o nome ligado a uma obra capaz de sobreviver ao seu

período. No melhor estilo dos programas de auditório, o amigo Sílvio Santos se apresenta a tempo de pegar uma beirada na sucessão.

Sarney é melhor autor do que ator, apesar do que diz dele a concorrência literária. E mais não diz porque não é perguntada. O ator passou à frente do autor, mas o presidente nada tem a fazer no penúltimo ato da sua peça, que trata apenas da sucessão. O presidente reage como qualquer sucedido: sente-se ultrajado. O poder — como o picolé — parece melhor no fim. Quem quer que esteja bem situado nas pesquisas merece a dissimulada inveja de Sarney, sobretudo pelo voto direto que lhe parece uma indireta mortal.

Volta e meia Sarney dá sinais de impaciência com o papel de estadista que se concedeu, como ator principal, numa hora em que todos falam com liberdade — os candidatos na televisão e os eleitores nas pesquisas. Ele não pode piar.

A postura de estadista foi muito mais falta de opção do que opção. Aquela ar superior e zangado de Sarney é desgosto por não ser procurado para uma ajuda oficial: todos os candidatos preferem a derrota à desonra dos pequenos favores do governo. Estadista por exclusão. (Por aí já estamos mais perto de uma democracia.) Que lição terrível é ver Ulysses Guimarães — o velho é demais — recusar os préstimos do governo com altivez democrática, se bem que a ajuda oficial empurraria o candidato mais para baixo,

## Baú da amizade

Sem poder ainda subir ao palanque do candidato do PMDB e sem mais nada a fazer no governo, os amigos de Sarney ficaram zanzando por aí, restritos ao voto de cada um. Resolveram-se pela criação de um fato novo a partir de um

fato velho: a volta à candidatura Sílvio Santos, com tudo que ela traz de contrário à eleição que restabelece o voto direto para melhorar.

A manobra de lançamento da candidatura foi um fiasco, mas Sarney não perdeu a postura de estadista, que é o refúgio predileto em caso de golpe (alto ou baixo) malsucedido. Assim que deu em nada, o presidente correu a declarar que a iniciativa não teve a ver com ele. Os amigos do presidente

são também vítimas das pesquisas que vão repetindo como verdade tudo que os eleitores dizem por dizer. A erosão da preferência pelo nome de Collor de Mello não melhorou o astral apenas do PDT e do PT. Os amigos de Sarney encheram-

se de gás e encomendaram — como quem não quer nada — a opinião do eleitor em postas de opinião pública. Uma pesquisa desceu aos porões da sociedade para saber em quem o eleitor preferia votar para presidente, se lhe fosse dada a liberdade de indicar.

*“Quem quer que esteja bem situado nas pesquisas merece a dissimulada inveja de Sarney, sobretudo pelo voto direto que lhe parece uma indireta mortal.”*

Deu Sílvio Santos, com 34% das intenções de voto, por fora da cartela de candidatos oficiais. Sem fazer alarde, os amigos do presidente foram tratar diretamente com Sílvio Santos que, vendo o cavalo passar arreado à porta do auditório da TVS, se dispôs a montá-lo e a levar um companheiro na garupa.

Hei-hô, Silver! Não se sabe até agora quem ficou mais perturbado com a pesquisa que aprumou o apresentador: o presidente, os amigos ou o próprio candidato? Sílvio Santos contou, com o excesso de palavras que enche o sorriso farto, que 15 dias antes de aceitar a hipótese esteve cinco horas tratando de sucessão presidencial com Sarney.

29 OUT 1989

O fato político foi que Sílvio Santos recuou da idéia de se candidatar em março, quando detinha a preferência nas pesquisas, mas as intenções de voto (nas classes D e E) não foram redistribuídas democraticamente entre os demais pretendentes. Começou mal a sucessão: Essa maioria envergonhada, que vegeta em baixo, em matéria eleitoral se refugiou na coluna dos indecisos. Mandou recado a Orestes Quércia, e ele não acreditou. Entre um e outro — Sílvio Santos e Orestes Quércia — percebe-se agora que havia em comum mais do que a nossa vã atenção conseguiu captar.

O espaço vazio veio logo depois a ser ocupado por outro, que se parece com ambos: Collor de Mello ficou com a preferência recusada por Sílvio Santos e negligenciada por Orestes Quércia. Tudo se passou no começo do ano, quando as pesquisas falavam mas não eram ouvidas. Collor se afirmou com um bem dosado desprezo pela política e uma piedosa complacência para manter longe os políticos. Os oportunistas lhe deram preferência com a sinceridade dos interesses eleitorais. Postura desafiante e retórica provocativa de Collor fixaram o limite: a segunda assinatura estava prometida para o decreto de devassa do governo Sarney (a primeira seria naturalmente a posse).

Depois de tudo, ainda sobrou intenção de voto suficiente para os amigos do presidente convencerem o apre-

sentador a se reapresentar candidato. O saltitante animador (outro pleonismo inevitável) animou-se com o anúncio da disposição sorridente: “Quero ser candidato mesmo que seja por um partido que tenha apenas 15 segundos na televisão.” Nem que o nome dele fosse Enéas.

Quer porque quer, sem perceber que a candidatura convém mais aos amigos do presidente, e ao próprio Sarney por tabela. Os objetivos são, aparentemente, os mesmos. Se perder, não perde muito — politicamente, bem entendido, porque o que sobrar do empresário não remontará outro. Uma pesquisa histórica pode mostrar o que acontece a empresários que se candidatam.

“Algo diz dentro de mim que devo ser candidato”: Sílvio Santos ouve mal. Pareceu dentro, mas foi fora e perto. O apresentador se preparou para a política alimentando a desconfiança nos políticos. Collor colheu antes nas pesquisas o que semeou contra a política e os políticos, mas fazendo política.

A despolítica revelada pelas pesquisas é muito grande mas não dá para garantir o segundo turno aos dois candidatos que levam queixas contra os políticos para trocar por votos nas classes C, D e E. Com dois derrotados, os cálculos dos amigos do presidente passam a ser outros.

\* Jornalista

JORNAL DO BRASIL